

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING

**AMADURECIMENTO E SENSIBILIDADE MASCULINA EM “SOCIEDADE DOS  
POETAS MORTOS”**

Pedro Henrique Fadim Alves

Aluno de 1º semestre do curso de Cinema e Audiovisual

Orientador: Prof. Dr. Lucas Procopio de Oliveira Tolotti

ESPM-SP

Maio/2024

**RESUMO:**

O presente estudo busca entender, por meio da análise da obra cinematográfica *Sociedade dos poetas mortos*, o impacto da masculinidade hegemônica na estrutura social, assim como também os meios para superá-la. A pesquisa será desenvolvida com o auxílio de referências bibliográficas, como Judith Butler, Raewyn Connel e Pierre Bourdieu, que conceituem os tipos de masculinidade e suas consequências para a sociedade contemporânea. Também entenderemos a sensibilidade humana e o amadurecimento como um dos caminhos possíveis para se fragmentar a masculinidade hegemônica no indivíduo, usando de principal referência os estudos de C. G. Jung. Além disso essa pesquisa também irá traçar um panorama pelo audiovisual norte-americano, para entender que tipo de ideal masculino eles difundiram, e difundem, e como *Sociedade dos poetas mortos* foi uma exceção em sua época, e chama a atenção até hoje. Dito isso nota-se a importância dessa pesquisa ao analisar o filme, a procura de meios para se superar a masculinidade hegemônica, em uma época na qual a ascensão de governos de extrema direita, que exaltam o masculino viril e heterossexual, considerado ideal, e pregam a violência contra aqueles que fogem da norma.

**Palavras-chave:** Masculinidade; Sociedade dos poetas mortos; sensibilidade, amadurecimento, hegemonia.

## Sumario

<b>Introdução .....</b>	<b>4</b>
<b>Objetivos.....</b>	<b>9</b>
<b>Fundamentação teórica.....</b>	<b>10</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>10</b>
<b>Sumario parcial/final.....</b>	<b>12</b>
<b>Cronograma.....</b>	<b>13</b>
<b>Referencias.....</b>	<b>14</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

A transição entre o século XVIII e o século XIX marcou a história da humanidade. Dentre as muitas rupturas que esse período caracterizou é possível citar a mudança do novo símbolo de poder social, a posição que antes era ocupada pelo rei, agora é representada pelo homem burguês. Enquanto essa nova era representa o apogeu dos ideais progressistas e revolucionários, ilustrados pelo lema “liberdade, fraternidade, igualdade”, ela também escancara as desigualdades e um profundo sistema de poder e controle, como denomina Foucault (1999): a sociedade disciplinar.

Nesse novo molde ocidental, o poder está nas mãos de instituições sociais, que normatizam um estilo de vida padrão, eliminando a subjetividade humana. Para Durkheim (2007, p. 37), essa normatividade é exercida por poderes coercivos, que muitas vezes são naturalizados pelas populações: “Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os fiz, mas os recebi por educação”. É nesse contexto que se fortalece a masculinidade hegemônica, que segundo Connell (2013) conceitua um sistema social normativo que garante a posição de poder dos homens desfavorecendo a condição social das mulheres. Essa hegemonia se configura pelos modelos tradicionais do ser considerado masculino: viril, heterossexual, agressivo, machista, insensível etc. (Silva, 2006).

Para Butler (2018) a dicotomia entre o homem e a mulher se origina culturalmente, visto que a partir do conhecimento do sexo do bebê já lhe é atribuído um futuro destinado. Quando se constata que a criança é menino, já se espera socialmente que quando crescer ele reproduza os padrões de masculinidade desejado pela sociedade, se não ele será expulso ou sofrerá represálias por parte das instituições até se submeter ao regime imposto. Pode se citar como exemplo os homossexuais não heteronormativos, que sofrem discriminação e violência por irem contra esse ideal reproduzido.

Outro jeito de pensar a masculinidade é a rejeição total a qualquer característica feminina, principalmente no que tange a sentimentos e manifestações de emoções e afetos. Em seu livro denominado **Seja homem: a masculinidade desmascarada** de 2020, o autor J.J. Bola identifica alguns mitos acerca do masculino e dentre eles, destaca a fala “seja homem!”, uma represália comum àqueles que fogem do comportamento normativo, principalmente em questões de fragilidade emocional. Nesta fala está implícito o cerne da chamada masculinidade tóxica, já que a partir desse jargão, o menino aprende a reprimir tudo aquilo que sente, bem como, reprime a expressão de emoções e sentimentos, como algo fora do padrão aceitável para

seu gênero, o que pode acarretar dentre diversas consequências a agressividade, visão preconceituosa e sentimentos de inadequação. (Claridade; Raposo; Lopes, 2010).

Além disso, essa fala também explicita um total repúdio pelo que o feminino simboliza, já que o motivo do menino ser repreendido, não é por não ser homem, mas sim por estar atuando com atitudes consideradas femininas, o que conforme o pensamento machista poderá ferir a masculinidade e virilidade do garoto. Segundo Bourdieu (2019), o arquétipo da masculinidade exerce uma violência simbólica, que se manifesta pela disparidade de poder entre grupos sociais, sobre o arquétipo da feminilidade. Em outras palavras, para Bourdieu essa dominação não é exercida necessariamente por homens sobre mulheres, mas sim por pessoas que apresentam características culturalmente identificadas como masculinas sobre pessoas que têm características socialmente femininas.

Essa violência contra a sensibilidade, que numa visão unilateral, trata-se de um atributo apenas feminino, pode ser considerada uma consequência direta da agressividade gerada pelo cerceamento da própria sensibilidade como atributo humano, independente de gênero. Esse ciclo vicioso se repete pois os homens se sentem inseguros perante suas próprias emoções, uma vez que de acordo com a norma dominante, o símbolo exemplar de masculinidade não admitiria supostas fraquezas. Em seu livro **O feminismo é para todos** (2018), bell hooks sugere que o melhor método para ressignificar o mito da masculinidade é uma reconstrução da base do “ser masculino”, agora sustentada na autoestima e no autoamor da pessoa, assim formando uma nova personalidade própria.

Esta masculinidade idealizada é inalcançável, uma vez que, biologicamente falando todos os seres humanos estão submetidos a uma mesma estrutura instintiva e emocional básica. Segundo Jung (2000, p. 153 e 154) o homem nasce com uma complexa predisposição psíquica, comum à toda humanidade, e herdada de nossa ancestralidade. De acordo o autor: “Toda a anatomia do homem é um sistema herdado, idêntico à constituição ancestral, que funcionará exatamente da mesma maneira como anteriormente. [...] À esfera de nossa herança psíquica chamei-a de *inconsciente coletivo*.” Aprendemos assim, com nossos ancestrais que demonstrar emoções é fisiologicamente necessário para a saúde física, social e emocional de todos os seres humanos.

Para Jung (1972, p. 152), a personalidade pode ser considerada a “máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular”, e segundo ele, é impossível desenvolver uma personalidade sem antes o indivíduo buscar, consciente se afastar da massa e seguir o próprio caminho. Uma das iniciativas que o indivíduo pode fazer para atingir essa maturidade

psicológica é aceitar e reconhecer o que Jung chama de *anima e animus* dentro de si. A anima seria a imagem da mulher inserida no homem enquanto o animus é o arquétipo do homem na mulher. Segundo Alvarenga (2015), todas as pessoas possuem ambos os arquétipos em seu inconsciente, contudo há uma profunda batalha entre ambos para decidir quem assume o controle, e quanto mais inconsciente for estes arquétipos, maior é o jogo de projeções.

A projeção da anima, para Jung, consiste no homem que enxerga apenas na mulher o lugar da manifestação emocional e da sensibilidade, não percebendo que dentro de si próprio também há essas mesmas características. Para o psiquiatra, assim que o homem toma contato com seu lado inconsciente, seja por um problema de saúde, problema de relacionamento, sonho etc. ele também toma consciência da *anima*, assim abrindo o caminho para o processo da construção da personalidade, logo do amadurecimento. Um dos meios pelo qual o homem tem contato com o inconsciente é pela arte. Segundo a OMS (2019), as artes são ferramentas importantes para aquele que deseja entrar em contato com a emoção, empatia, e quer desenvolver os sentidos.

Para ilustrar todos os conceitos apresentados iremos utilizar a obra cinematográfica **Sociedade dos poetas mortos**, de 1989, dirigida por Peter Weir. O longa conta a história de um grupo de meninos adolescentes que estudam em um internato de elite, muito rígido e conservador, que pretende formar garotos competentes o bastante para faculdades renomadas, assim garantindo um futuro estável e economicamente seguro. Tudo muda com a chegada de um novo professor, John Keating (Robin Williams), um ex-aluno do colégio, que volta agora para lecionar literatura erudita para os meninos.

Em seus primeiros minutos, o projeto já introduz o público dentro da atmosfera antiquada e clássica do colégio, a cerimônia do início do ano letivo é extremamente formal, os alunos entram carregando os lemas da escola em estandartes, enquanto somos apresentados ao corpo docente, incluindo o diretor autoritário Sr. Nolan (Norman Lloyd), que mais à frente representaria o ideal da masculinidade hegemônica tradicional no filme.

Esse estudo visa focar no arco de desenvolvimento de dois personagens centrais para a trama, o protagonista, Neil Perry (Robert Sean Leonard) e Todd Anderson (Ethan Hawke).

Neil Perry, desde sempre, se mostra um jovem ambicioso que deseja muito sair do sistema, mas que é sempre podado pelo mesmo. Seu ponto de virada se dá a partir da primeira aula de Sr. Keating, que subverte o esperado pela sua posição hierárquica ao corroborar com os pensamentos rebeldes dos estudantes. Neil e seu grupo ficam fascinados pela didática do professor e buscam mais sobre seu passado, descobrindo assim que ele fazia parte da “sociedade

dos poetas mortos”, uma entidade estudantil insurgente que fazia reuniões secretas de noite, nas quais os meninos liam poesia e deixavam a beleza da arte tomar conta.

Nota-se como essa sociedade é disruptiva em todos os sentidos: além de sair das regras oficiais da escola, ela também representa o contato dos garotos ao sensível, o canal inicial para o amadurecimento e para a quebra dos paradigmas tradicionais da instituição. Sr. Keating é incisivo ao defender o poder que a poesia (podendo ser interpretada também como arte no geral) tem sobre até o mais profundo do inconsciente humano. Ela é essencialmente rebelde e necessária, e é através dela que os personagens começam sua jornada para o amadurecimento, logo para a quebra do padrão dominador da masculinidade. Pode-se interpretar que é por meio dessas reuniões que os meninos conhecem e abraçam sua alma.

Porém, como mostra o terço final do filme, essa atitude dos meninos de entrar em contato com o sensível pode ser extremamente censurada para a sociedade dominante. Em sua busca do autoconhecimento, Neil acaba entrando no elenco de uma recriação da obra de William Shakespeare, **Sonho de uma noite de verão**, atitude extremamente reprovada pelo pai, tanto que ao chegar em casa Sr. Perry informa ao filho de que o colocará em uma escola militar (grande símbolo da masculinidade), visando colocar o filho novamente nos eixos limitados que garantem o “futuro certo”. Assim Neil percebe que não tem lugar nesse mundo, ele não pode voltar mais para a forma que estava, ele não aguenta mais interpretar esse papel que lhe fora incumbido de filho modelo, pensamento esse que o leva ao suicídio.

A morte de Neil impacta brutalmente todo o universo do filme, a ordem dominante, propõe que a culpa do suicídio é a sociedade dos poetas mortos e toda a transgressão que ela representa, não o próprio sistema que reprime tanto os meninos que não lhes dá outra alternativa a não ser se curvar à lógica dominante. Dessa maneira, o conselho da escola, principalmente Sr. Nolan, começa a interrogar todos aqueles que participaram do grupo de Neil, os influenciando a ceder e denunciar aquele que simboliza todo o envolvimento do garoto com a alma, Sr. Keating, que é demitido e tem sua imagem suja perante os pares e os pais.

Contudo, os efeitos que a arte proporciona afetou muitos os garotos, alterando o curso da vida de cada um. Um dos desenvolvimentos mais notáveis nesse sentido é o do tímido Todd, que começa o filme muito passivo e temeroso, mas que acaba achando sua voz, e seu lugar, naquele grupo de amigos. Todd é inseguro, pode-se interpretar isso como um sintoma da repressão que o sistema hegemônico exerceu sobre ele, o tempo todo ele raciocina e teme demais as penalidades que pode sofrer por se envolver com essa onda transgressora, mas apesar disso ele continua participando das reuniões e do grupo, pois é naquele lugar que ele pode se

expressar e se sentir livre. A transformação de Todd é tamanha que ao final do filme, mesmo com a maior figura de autoridade da escola ao seu lado, ele se rebela e é fiel aos seus sentimentos, levantando-se na mesa, simbolizando o início da ruptura sistemática que Sr. Keating e a sociedade dos poetas mortos provocou.

Vale ressaltar que, devido ao ambiente no qual o filme se encontra, a presença feminina é escassa. Contudo ainda assim as pequenas participações femininas, como a Sra. Perry (Carla Belver) e Chris Noel (Alexandra Powers) reforçam as consequências da masculinidade hegemônica, Sra. Perry é completamente submissa ao marido, mesmo vendo e entendendo o sofrimento do filho ela se apequena, pois está à mercê da dominação que Sperry exerce na casa. Já Chris também fica submissa por boa parte do filme ao namorado abusivo. Esse ciclo se quebra quando ela tem um momento de rebeldia e termina com o menino optando por acompanhar Knox à peça de Neil.

Diante do exposto, pode-se entender a relevância das artes (no caso audiovisuais) como meios que apresentam modos de vida, e podem influenciar a vida de muitas pessoas. Segundo o teórico Marshall McLuhan (1969) o meio é tão importante quanto a mensagem, dessa maneira é possível entender o cinema como meio e logo, como difusor de muitas mensagens. Para McLuhan (1974) a indústria cinematográfica de Hollywood, com seu grande aparato financeiro e político, exportou o estilo de vida norte-americano para o mundo, o propagando de forma lúdica, mexendo com os desejos do espectador, que passou a almejar aquela vida mostrada na tela.

Dentre as mensagens transmitidas por Hollywood pode-se encontrar a reprodução do comportamento da masculinidade hegemônica, em obras mais antigas como: **Casablanca** (Dir.: Michael Curtiz, 1942), **Poderoso chefe** (Dir.: Francis Ford Coppola, 1972), **De volta para o futuro** (Dir.: Robert Zemeckis, 1985), etc. e também em obras mais recentes: **Missão impossível – acerto de contas parte um** (Dir.: Christopher Macquarie, 2023), **The Batman** (Dir.: Matt Reeves, 2022), **Era uma vez... em Hollywood** (Dir.: Quentin Tarantino, 2019), etc. Dessa maneira nota-se a importância da análise do filme **Sociedade dos poetas mortos**, sob a perspectiva da masculinidade, visto como a obra desmistifica a figura do masculino ideal e apresenta uma das possíveis consequências que essa normatização pode culminar.

Outro fator notável que destaca o valor desta pesquisa é a atual onda de valores reacionários e de governos de extrema direita dentre a sociedade ocidental. O Brasil passa por um grande retrocesso de pautas sociais, cujo maior símbolo foi a vitória do candidato Jair Bolsonaro na disputa para presidência no ano de 2018, seus discursos contra minorias, e seu



discurso que clama pela moral e bons costumes dos velhos tempos, deu voz a milhões de pessoas que estão inseridas no que João Silveiro Trevisan chama de crise do masculino (2021), fenômeno que passou a crescer após os avanços das pautas feministas e as voltadas à população LGBTQ+, que culmina na insegurança daqueles que detinham a masculinidade hegemônica como meio de se manter no poder. Em uma entrevista dada ao portal Continente, Trevisan aponta a fala do ex-presidente Jair Bolsonaro, na qual ele se define como “imorrível, imbrochável e incomível”, falas essas que ilustram como os símbolos de masculinidade são considerados formas de poder, que qualificam um ser humano.

Uma vez apresentado como a masculinidade hegemônica vem ganhando espaço em uma sociedade polarizada, a problemática da pesquisa pode ser estabelecida pela pergunta: Como **Sociedade dos poetas mortos** pode contribuir com as artes cinematográficas para apresentar os meios de superar a masculinidade hegemônica?

## 2. OBJETIVOS

### 2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é compreender a representação do masculino na obra cinematográfica **Sociedade dos poetas mortos**, e como ela é construída com base na sensibilidade e amadurecimento, contrastando com outros tipos de masculinidades retratadas no audiovisual.

### 2.2. Objetivos Específicos

- Compreender o conceito de masculinidade hegemônica e como ele se aplica na sociedade contemporânea;
- Assimilar o conceito de *anima*, e como ele impacta na construção do homem sensível, e em consequência o homem maduro;
- Entender a construção e as implicações da representação masculina no cinema;
- Analisar o filme **Sociedade dos poetas mortos**, visando entender seu discurso e sua representação fílmica da masculinidade e sensibilidade.

## 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para este estudo usaremos de base o livro de Judith Butler **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, para explorar a construção social dos papéis de gênero, e como ela impõe ao indivíduo, mesmo antes do nascimento, um comportamento normativo e

padrão, dependente de seu sexo. Para complementar o pensamento de Butler, também traremos à pesquisa o texto de Robert W. Connell<sup>1</sup> e James W. Messerschmidt: **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**, que discute o termo e como esse fenômeno, atrelado a outros diversos tipos de masculinidade, reproduzem um comportamento heteronormativo que garante a manutenção de um sistema hierárquico no qual o homem se beneficia, e a mulher fica compelida a posição de submissa.

O livro de Pierre Bourdieu, **A dominação masculina**, também exercerá importante papel no trabalho, pois aqui o autor apresenta um aprofundado estudo acerca dos tipos de violência exercida pelo arquétipo masculino sobre o arquétipo feminino. E para complementar também utilizaremos o livro de J. J. Bola, **Seja homem**, no qual o escritor apresenta alguns mitos e violências masculinas e pretende desmistificá-las, assim ilustrando os danos psicológicos que a masculinidade hegemônica pode causar as pessoas. Essa pesquisa também contará com o auxílio dos textos de Denilson Lopes, principalmente *Cinema e gênero*, que está incluso na coletânea feita por Fernando Mascarello **História do cinema mundial**, que aborda a relação entre identidade de gênero e o cinema.

Por fim este trabalho também se baseará muito nas pesquisas de C. G. Jung sobre os arquétipos anima e animus, e como eles se manifestam em homens e mulheres. O texto central será **O desenvolvimento da personalidade**, no qual além de explorar os arquétipos, o psicanalista também abordará o processo de constituição da personalidade do indivíduo.

#### 4. METODOLOGIA

Para essa pesquisa utilizaremos como base a metodologia de pesquisa qualitativa, cujo campo de observação temática é a representação da masculinidade no cinema. De acordo com Bauer e Gaskell (2017), a pesquisa qualitativa poder se definida como um estudo não-numérico, que parte de uma observação idealmente imparcial de um campo de estudo específico, em busca da construção de uma base teórica. Em outras palavras, essa técnica também pode ser classificada como “um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico etc.” (Prodanovi e Freitas, 2013, p. 34). Segundo Gil (2002), o processo de uma pesquisa metodologicamente qualitativa pode seguir os seguintes passos: redução dos dados, categorização desses dados, interpretação e redação.

---

<sup>1</sup> Mais tarde a autora se identificaria como uma mulher transgênero, alterando seu nome para Raewyn Connel

Dessa maneira os dados que utilizaremos nesta pesquisa serão de fontes bibliográficas. Estudos que tem como base bibliografias são muito comuns, e define todos aqueles trabalhos que buscam, em pesquisas passadas fontes que comprovem os pontos discutidos, no caso especificamente em textos ou livros, sejam essas de ficção, científicos, ou de referência (Gil, 2002). Por ser um método muito comum, é mais provável que ele seja suscetível a possíveis erros e equívocos de pesquisa, por isso que com o passar do tempo tem sido requerido maior grau de cuidado ao escolher uma fonte desse tipo (Lima e Miotto, 2007). Uma das estratégias possíveis para se começar a fazer uma pesquisa bibliográfica é estabelecendo um marco teórico de referência, como diz Prodanovi e Freitas (2013), no caso deste trabalho pode-se citar Raewyn Connell e Judith Butler.

Porém, além das fontes bibliográficas, esse estudo também se baseará em documentos passados. De acordo com Gil (2002), a principal diferença entre a pesquisa bibliográfica e a documental, é que na segunda as fontes estão mais dispersas e são mais diversificadas, podendo ser desde noticiários até obras cinematográficas, como é o caso. Segundo Oliveira (2007), é necessário se ter maior cuidado ao buscar referências documentais do que ao buscar bibliografias, visto que os documentos não passam por nenhuma espécie de crivo. Dessa maneira cabe ao pesquisador analisar a informação antes de utilizá-la no trabalho, avaliando conteúdo, meio, autoria, originalidade, etc. (Prodanovi e Freitas, 2013).

Para o estudo também utilizaremos o método de análise do discurso, que segundo Orlandi (2012), é uma técnica que busca, a partir da linguagem, identificar signos e ideologias em diversos tipos de obras, verbais ou não verbais, sendo necessário apenas a possibilidade da criação de sentidos e interpretações (Caregnato e Mutti, 2006). “A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade material e a social” (Orlandi, p. 15, 2012). Pode-se entender essa metodologia como uma técnica que leva em consideração o processo de produção do discurso, estabelecendo por meio das bases linguísticas, marxistas e psicanalíticas, os meios para se entender os símbolos e as intenções por trás do texto literal (Cappelletti, Lopes e Gonçalves, 2010). Dessa maneira a análise do discurso será utilizada nessa pesquisa com o objetivo de entendermos os meios discursivos como a indústria hollywoodiana retratou o masculino por décadas, e os impactos dessa representação na sociedade, e como a obra *Sociedade dos poetas mortos* desconstrói essa mesma representação.

E por fim, faremos também o uso do método de análise fílmica, para entender a construção do arco dos personagens Todd Anderson e Neil Perry no filme **Sociedade dos poetas mortos**. De acordo com Seabra (2011) a análise de um filme deve partir de uma decupagem, ou seja, do recorte de pequenas partes do todo, com a finalidade de refletir e observar os efeitos que aqueles segmentos possuem, para depois “remontar” o filme agora com uma perspectiva mais completa e rica em material de estudo. Para Penafria (2009) um importante elemento para se analisar uma obra cinematográfica é o ponto de vista, e para se fazer esse estudo pode dividir esse item em: Sentido visual/sonoro, ou seja, a observação de ângulos de câmera, sons utilizados, posição relativa da câmera ao objeto de interesse, etc. outro sentido é o narrativo, que busca entender quem conta a história, qual tipo de narrador está estabelecido, onisciente, narrador-personagem ou narrador-observador, e por fim o sentido ideológico, que busca compreender o espaço/tempo da produção do longa-metragem em questão. Deve-se ter em mente que possuem muitos modos de interpretar um filme, dentre eles a interpretação sócio-histórica, que leva em conta o modo como a obra retrata a sociedade, e o contexto no qual ela foi concebida, e a simbólica, que visa interpretar as metáforas e signos propostos pelo filme, e que podem revelar camadas da narrativa, que podem até fugir da expectativa do criador da obra, por isso parte do analista enxergar os símbolos no filme, com base em um repertório pré-concebido (Vanoye e Goliot-Lété, 1994).

## 5. SUMARIO PARCIAL/FINAL

### 1. Introdução

#### 1.1. Objetivos

#### 1.2. Fundamentação Teórica

#### 1.3. Metodologia

### 2. Masculinidades e a contemporaneidade

#### 2.1. Construção dos papéis de gênero

#### 2.2. Masculinidade hegemônica

### 3. Anima e sensibilidade

#### 3.1. Arquétipos anima e animus

#### 3.2. Sensibilidade como meio para o amadurecimento

### 4. Panorama das masculinidades no cinema

#### 4.1. Cinema como meio propagador de mensagens

#### 4.2. Representação da masculinidade em Hollywood

### 5. Análise de Sociedade dos poetas mortos

#### 5.1. Arco narrativo de Todd Anderson e Neil Perry

5.2. Arte como modo de atingir a *anima*

## 6. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

	Agosto/24	Setembro/24	Outubro/24	Novembro/24	Dezembro/24	Janeiro/25
Leitura/fichamento	X	X	X	X		
Escrita capítulo 1 – Masculinidade	X	X				
Escrita capítulo 2 – sensibilidade			X	X		
Escrita relatório parcial					X	X

	Fevereiro/25	Março/25	Abril/25	Maió/25	Junho/25	Julho/25	Agosto/25
Leitura/fichamento	X	X	X				
Escrita capítulo 3 – Panorama cinema	X	X					
Escrita capítulo 4 – Análise do filme			X	X			
Entrega relatório parcial	X (10/02)						
Escrita relatório final					X	X	
Entrega relatório final							X (11/08)

## 7. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Maria Zelia de. Anima-animus e o desafio do encontro. **Junguiana**, São Paulo, V.33: 5-12. 2015

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.

BASTOS, Márcio. O masculino tóxico na mira do livro ‘Seis balas num buraco só’. **Continente**, Pernambuco: 22 nov. 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/comentario/o-masculino-toxico-na-mira-do-livro-rseis-balas-num-buraco-sor>. Acesso em: 10 maio 2024.

BOLA, J. J. **Seja homem**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARIDADE, Maria do Amparo Rocha; RAPOSO Helena Maria DG; LOPES Ana Patrícia L. Freire. Machos ou masculinos? Um estudo sobre construções de masculinidades e produção de condutas violentas. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.21, n.1, p. 50-58 2010.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v.21, n.01, p. 241-282, 2013

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações rurais & agroindustriais**, v.5, n.1, 2003.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Health evidence network synthesis report 67. 2019

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas SA, 2002.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálisis**, v.10, p. 37-45, 2007

LOPES, Denilson. Cinema e gênero. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). **VI Congresso Sopcom**. Lisboa, v. 6, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar De. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Rio Grande do Sul: Editora Feevale, 2013.

SEABRA, Jorge. Análise fílmica. **Revista de História das Ideias**, v. 32, 2011.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**, v.26, p. 118-131, 2006

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e profissão**, v.20, p.8-15, 2000.

‘PAÍS precisa de homens com testosterona’, afirma Nikolas Ferreira. Brasília: O Tempo, 2024  
VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus Editora, 1994.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção de Peter Weir. Estados Unidos: Touchstone Pictures, 1989